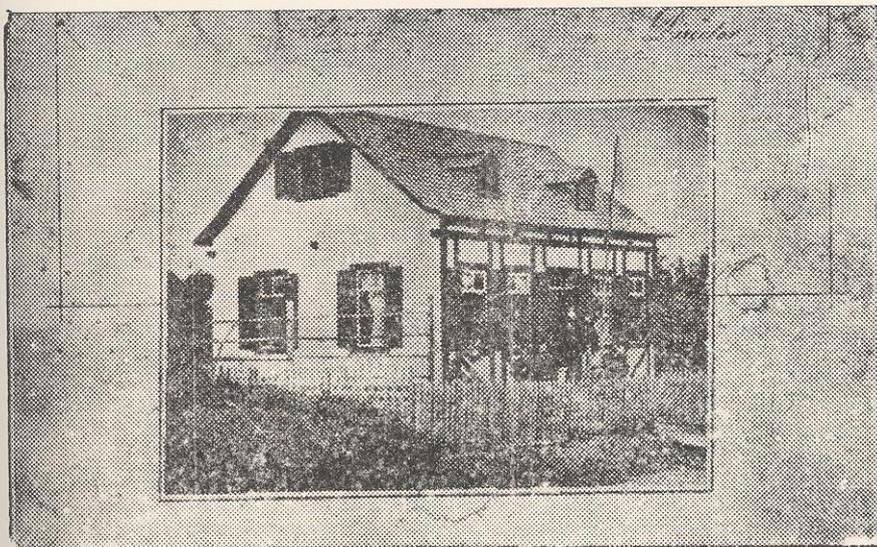


# NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

**BRUSQUE -** ONTEM E HOJE



ANO VIII

Nº. 32

EDIÇÃO DA

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

# **Sociedade Amigos de Brusque**

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

**Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27**

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

**Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM**

---

**Notícias de "Vicente Só"**

**BRUSQUE - ONTEM E HOJE**

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

**Direção: Ayres Gevaerd**

---

Composta e impressa na Gráfica Bandeirante — Brusque — SC.

# NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

## BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano VIII

Outubro, Novembro e Dezembro de 1984

Nº. 32

### Sumário

- |                                                                                                                                                                                                     |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1 - Sindicato dos Trabalhadores Têxteis na Indústria de Fiação e Tecelagem de Brusque. Estudo da Estatística das Condições Sociais em um grupo de operários têxteis. Aloisius Carlos Lauth. . . . . | 317 |
| 2 - Diário de viagem do Imigrante Paul Schwartzner . . . . .                                                                                                                                        | 322 |
| 3 - Canções Folclóricas Alemãs . . . . .                                                                                                                                                            | 326 |
| 4 - Reminiscencias - NOVIDADES - 1907 . . . . .                                                                                                                                                     | 332 |
| 5 - Documentos da administração Barão M. de Schneéburg, referentes a junho e julho de 1865 . . . . .                                                                                                | 342 |

---

CAPA — Gentileza de Wolfgang L. Rau.

CLICHÊ — Casa da Diretoria Colonial ao tempo da administração Dr. Luiz Betin Paes Leme. 1872.

# NOTÍCIAS DE VICENTE SÓ

Fundada a 4 de agosto de 1953

# BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Lei Municipal nº 73 de 2 de março de 1954

No. 33	Outubro, Novembro e Dezembro de 1954	Ano VIII
--------	--------------------------------------	----------

Entrada - Santa Catarina - Brusque - 1954

## Sumário

- 1 - Sindicato dos Trabalhadores Textéis na Indústria de Fiação e Tecelagem de Brusque, Estado de Santa Catarina, Associação Social em um grupo de operários. 317
- 2 - Diário de viagem do Imigrante Paul Schwartz. 322
- 3 - Criação Politécnica Alemã. 326
- 4 - Reminiscências - NOVIDADES - 1907. 332
- 5 - Documentos de administração Barão M. de Schomburgk referentes a junho e julho de 1852. 342

Impressão: Gráfica

CAPA - Gráfica de Wolfgang J. Ren

LIGHE - Casa da Distrito Colonial, no tempo da administração. 372  
Luz Bela Par Leme. 1872.

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS NA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E  
TECELAGEM DE BRUSQUE

Estudo da Estatística das Condições Sociais em  
um Grupo de Operários Têxteis

Para Afonso Imhof acrescentar aos seus estudos de  
greves operárias.

Após um período de "resistência" à implantação da legislação getulista no trabalho, declarada como "greve pacífica", os operários das indústrias têxteis reuniram-se, em 1933 em Assembléia e deram início a uma Associação Sindical da qual nasceria a instituição desejada.

Juntamos várias informações e dados para criarmos um quadro estatístico a respeito dos 138 operários que votaram a primeira Diretoria do Sindicato dos Operários, quando ainda não estava reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Destes, apenas 18 não se sindicalizaram e de 4 elementos os dados são incompletos. Para efeito de interpretação, computamos 116 operários.

QUADRO I: Descendência

Etnia	Quantidade	%
Alemã.....	42	36,2
Italiana .....	35	29,8
Eslava .....	29	25,3
Luso .....	10	8,7

OBS.- Não há dúvida quanto à maior porcentagem, em vista da colonização da sede da Colônia Itajaí. Os alemães (36,2%), foram cerceados, à época, por um cinturão de imigrantes italianos (29,8%), bem representado a ambos nesta estatística.

Entretanto, partamos de outro princípio para justificar a maior porcentagem: o processo industrial no Itajaí-Mirim, essencialmente, derivou-se de capital alemão e, por que não dizer, de origem alemã. Senão, vejamos a origem dos principais empreendedores neste processo: Carlos Renaux, Gustavo Schlösser, Edward von Buettner, Rodolfo V. Tietzmann, João Bauer, Guilherme Krieger, Frederico Klappoth e tantos outros.

Percebemos, igualmente, que embora os primeiros artesões têxteis fossem poloneses (25,3%), seu número é, comparativamente, diminuto e inexpressivo para deslanchar a indústria têxtil, como querem alguns historiadores enfatizando a presença deles e, muito menos, possibilidade de ter uma consciência sindicalista.

QUADRO II: Profissionais

Profissões	Quantidade	%
Tecelão	58	50,1
Fiandeiro	29	25,1
Tintureiro	5	4,4
Urdidor	3	2,5
Encarregado	2	1,7
Espuladeiro	2	1,7
Mecânico Têxtil	1	0,8
Revisor	1	0,8
Outras	15	12,9

OBS.: O quadro apresenta a diversidade das ocupações na indústria têxtil. É expressiva a porcentagem (50,1%) de tecelões, seguidos de uma quarta parte de fiandeiros (25,1%). Estes, bem como outros, são profissionais de nível técnico devido à habilidade junto ao tear. Entretanto, como tal não requerem formação além do próprio ofício. E foi isto que ocorreu por ocasião da sindicalização da classe. O movimento foi dirigido, não podia deixar de ser, por um encarregado e um tintureiro, apoiados por um grupo de militantes políticos de cunho liberal. No entanto, o profissional mais atingido pela legislação trabalhista de Getúlio Vargas, e que chegou a paralisar a indústria, foi o tecelão. Ganhava salário por produção e a redução das horas trabalhadas reduziria a quantidade de peças a cabadas.

QUADRO III: Empresa a que pertenciam

Empresa	Quantidade	%
Fábrica Renaux	99	85,0
E.v.Buettner e Cia.	13	12,0
Indústria Renaux	4	3,0
Cia.Schlüsser	0	0,0

OBS.: A greve nasceu entre os funcionários da F.R. e a eles juntaram-se outros que nós queremos justificar pela proximidade de moradia, além da própria legislação a ser implantada. Note que a Schlösser não teve nenhum participante. Este dado é, pessoalmente, uma mera casualidade.

QUADRO IV: Grupo de Idade

Idade	Quantidade	%
15 a 20 anos	33	28,4
21 a 25 "	41	35,4
26 a 30 "	25	21,5
31 a 35 "	11	9,4
36 a 40 "	4	3,5
41 a 55 "	2	1,8

OBS.: A análise revela a idade cronológica da indústria têxtil (pouco mais de 40 anos) e a idade da população ativa. É elevado (63,8%) o número de funcionários de 15 a 25 anos absorvidos pela indústria têxtil e este dado é prova incontestável da depauperização agrícola da região, em função do crescimento urbano da sede. Os jovens buscam a fábrica por causa dos salários (não tanto os benefícios, e, muito menos, em função da escolaridade) enquanto os pais cobrem satisfatoriamente as atividades rurais.

O assunto foi pouco analisado pelos historiadores locais, mas sabe-se que até 1930 houve sucessivo decréscimo da população agrícola, quando então ressurgiu, temporariamente, com a cultura do fumo.

QUADRO V: Sexo e Estado Civil

Estado Civil	Sexo		Total	%
	Masc.	Fem.		
Casados	47 (55,0%)	0 (0%)	47	40,5
Solteiros	38 (45,0%)	31 (100%)	69	59,5
	85 (100%)	31 (100%)	116	100 %

OBS.: Já vimos que a maioria era jovem (63,8%) e, agora, acrescentemos, solteira (59,5%), dos quais a predominância é masculina (55,0%). Estes dados, de certa forma conferem com os que publicamos (1) quando levantamos o histórico do Grupo Escolar Feliciano Pires. Há uma relação empresa-escola, como se percebe neste quadro abaixo, que analisa 73 desisten-

tes (40 masculinos e 33 femininos) dos 201 alunos matriculados em 1920. Vejamos os dados e o que podemos inferir:

QUADRO ANEXO: Desistência escolar (em %)

MOTIVO	SEXO		TOTAL
	MASC.	FEM.	
1. Emprego	27,5	9,0	36,5
2. Ocupações Domest.	10,0	6,0	16,0
3. Outras	62,5	85,0	47,5
	100%	100%	100%

Repare que 52,5% dos alunos desistia por motivo de trabalho, sendo elevado o número, comparativamente, dos meninos que deixavam a escola pelo emprego remunerado. O "emprego" aqui é tido como uma ocupação não familiar, a exemplo das fábricas, das indústrias têxteis, do comércio, etc. Esta massa juvenil irá engrossar as fileiras dos assalariados braçais, de fraca escolaridade, tornando o recurso humano de baixo custo em relação aos bens de produção. Este fato foi essencial para o desenvolvimento da indústria têxtil na região; absorveu a mão-de-obra até ao limite de sua expansão fabril. Em última instância, esta estrutura irá caracterizar o povo brusquense quanto ao uso dos valores culturais.

A atividade sub-urbana, encontrada aqui com a expressão "ocupações domésticas" (atividades agrícolas de subsistência, pecuária doméstica, avícola, indústria caseira de subsistência: roupas, bebidas, fumo ...), tanto em meninos quanto em meninas, atraíam menos que a crescente atividade fabril que acompanhou o processo urbano da cidade. Pode-se inclusive afirmar que a ocupação demográfica deu-se em razão de sua expansão fabril. Basta analisarmos os mapas do município e a situação do perímetro urbano, desde a época em questão.

Voltando ao primeiro quadro (veja o quadro V), encontramos certa discriminação quanto às mulheres casadas. Em princípio, a mulher que casava dedicava-se exclusivamente às funções domésticas a par da maternidade. Não podemos excluir a idéia, entretanto, da discriminação por parte da política empresarial.

QUADRO VI: Local de Residência

Localidade	Quantidade	%
Rua 1ª de Maio/Florianópolis	65	57,0
Bairro Poço Fundo	16	13,7
Rua Nova Trento	15	12,9
Rua Itajai	9	7,6
Rua Azambuja	3	2,4
Rua Cedro	3	2,4
Rua General Osório	2	1,6
Outras	3	2,4

OBS.: O quadro nos sugere a formação inicial dos grandes "bol-sões de operários" na malha urbana da cidade. A atual Av. 1ª de Maio, de certa altura para cima, Rua Florianópolis, é exemplo do que citamos. Fiquemos com o Bairro Águas Claras - (57,0% e mais 2,4% da R. Azambuja). A vida sub-urbana aí apre-sentada caracteriza a população ativa e a distribuição da ren-da por ela gerada. As casas são simples, a maioria de madei-ra. Muitos têm poço artesiano e não usam fossas sépticas. Qua-se todos se locomovem de bicilceta.

Outro exemplo é a rua principal do Bairro Poço Fundo (13,7%). Incólume, entretanto, permanece a Rua Nova Trento - (12,9%), transversal entre a 1ª de Maio e a Azambuja. Aí resi-dem uma média de 297 famílias com 5 pessoas cada uma, totali-zando 1.485 pessoas que vivem, ou que viviam, do trabalho nas fábricas. Não há infra-estrutura urbana nem comércio (apenas "vendas") ou indústria e, só recentemente é servida por uma linha de ônibus (parcial e escolar). Na década de 70 flores--ceu a atividade caseira de tear tapetes. Destes teares nasce-ram micro-empresas recentes. A característica deste grupo é de oposição patronal, de certa forma sub-liminar. Mas politi-camente, o grupo não consegue se organizar, mesmo tendo elei-to um vereador na última legislatura. Esta característica po-lítica explica-se por razões sociais como a que vimos apare--cer na greve aqui analisada.

PROF. ALOISIUS CARLOS LAUTH

Nota: Recolhemos da revista "Blumenau em Cadernos", exemplar número 9, tomo XXV, a última parte do Diário de Paul Schwarzer, porque se relaciona com importante atividade na Colônia Itajahy - Brusque. Paul Schwarzer foi presidente da Sociedade de Atiradores (1874 e 1879), Juiz de Paz (1879/80) e Professor.

... - ...

"... Meu pai, com sua profissão, ganhou algum dinheiro; minhas irmãs, por meio de costuras, e assim eles economizaram tanto que, após uma permanência de sete semanas, puderam iniciar a viagem para Santa Catarina, onde nós ficaríamos novamente reunidos.

Decidimos então o que deveríamos fazer e eu fiz a proposta de ir para uma colônia, pois em Santa Catarina não havia possibilidades para nós, especialmente porque o aluguel de casa era muito caro. Todos nos aconselharam a ir para a Colônia Brusque, que somente há cerca de 4 anos existe, e pela qual o Governo está fazendo muita coisa. Fomos até a Casa de Recepção para Colonos e nos inscrevemos com um funcionário do governo. Em face disso, fomos atendidos, diariamente e suficientemente, em todas as nossas necessidades.

Logo após nossa chegada, nessa casa de recepção, apareceu uma mulher muito bem vestida, que estava alojada na mesma pensão, com duas crianças. Como ela nos contou, seu marido, de nome Kühne, viajara até a Colônia Brusque para se orientar um pouco por lá, pois ele também tinha intenção de ficar nela.

Ele havia partido oito dias antes de minha saída de São Lourenço e em diversas vezes ouvira falar dele, sem o conhecer. Após alguns dias, ele retornou de sua viagem à Colônia Brusque. Seu aspecto, porém, causou a todos nós, a impressão mais desagradável. Eu não havia visto um rosto no qual se espelhassem tão nitidamente ironia, desdém pelos outros e descontentamento consigo mesmo, como naquele homem. Numa palavra, ele tinha um comportamento sombrio e repugnante. Tanto quanto podíamos, nos mantínhamos afastados dele. Infelizmente, nós teríamos que conviver com essa família que se 3 semanas na casa de recepção, antes que uma fragata estivesse pronta para nos receber a bordo.

Quando finalmente chegou a ocasião, fomos levados para a fragata que deveria velejar até o porto de Itajaí. Na fragata, foi muito desagradável e muito apertado, porque, além de nós e a família Kühne, mais 1 família da Westfália e 2 famílias belgas também viajavam.

Por isso, ficamos contentes quando, após uma viagem de quase 24 horas, chegamos ao porto de Itajaí. A entrada, na foz do rio Itajaí, é muito rochosa e por isso muito perigosa (já naufragaram ali muitos navios).

O capitão de nossa fragata pediu que um piloto prático nos guiasse até o porto.

A Vila Itajaí fica muito bem situada em uma bonita planície de vale na foz do Itajaí. A margem esquerda é muito baixa e coberta por mata, a qual é composta quase que só de belas palmeiras. Na margem esquerda, fica a vila, entre inúmeros laranjais e diante dela alguns navios. Velejamos com nossa fragata ainda um pedaço rio acima, até uma casa de recepção, que é destinada aos colonos que se dirigem a Blumenau e Brusque. Fomos desembarcados com nossos pertences e tomamos posse da casa de recepção. Como então soubemos, achava-se na ocasião, ali, o Diretor da Colônia Brusque, Barão von Schneeberg, hospedado no hotel que ficava perto da casa de recepção. Na manhã seguinte, após nossa chegada, estávamos sentado sobre uma esteira, segundo o uso da terra, almoçávamos, quando ele nos fez uma visita, ocasião em que se mostrou extremamente atencioso conosco. Era um homem idoso, bigode e cavanhaque brancos. Era do Tirol e foi oficial austríaco. Encontra-se já há muitos anos nesta terra.

Tivemos que permanecer naquela casa de recepção cerca de uma semana, até que finalmente veio um bote da colônia para transportar nossas coisas. Minha mãe e irmãs e a mulher do Kühne foram acomodadas no bote, enquanto meu pai, Kühne e eu seguimos a pé até uma pequena hospedaria que fica situada perto do rio Itajaí-Mirim, afluente do grande Itajaí e esperamos lá a chegada do bote, o qual ancorou na manhã seguinte já que não estava longe do anoitecer.

O diretor, Barão von Schneeberg, chegou, logo após, em sua canoa. Ele encomendou para todos, por sua conta, um bom jantar, durante o qual todos sentamos a uma mesa. Na outra manhã, o diretor chamou, depois de um bom almoço pago por ele, uma canoa com dois homens (1 branco e 1 mulato), os quais iriam levar minha mãe, minhas irmãs e a mim até a colônia. Também meu pai deveria ir junto, mas ele preferiu fazer a viagem no bote para poder ficar junto de nossas coisas. Viagemos, pois, com a canoa para a colônia, rio acima.

A viagem era, quase a maior parte, entre mata virgem, que me pareceu bem perto da margem do rio, num aspecto completamente novo. Do solo até acima das mais altas árvores enrolavam-se trepadeiras em um emaranhado tão denso, de modo a formar verdadeiras cortinas, que impediam a vista para o interior da mata. Em outros lugares, estas plantas formavam caramanchões naturais e estavam a todo momento enfeitadas com belas flores.

De vez em quando, víamos belas plantações de cana, milho, etc.

Também passávamos por serrarias. Desta forma, passou-se o dia, se bem que a chuva constantemente se alternava com o sol, bem agradável.

Quando chegou a noite, e muito tarde para continuar a viagem, nossos guias entraram em um ribeirão e amarraram a canoa, enquanto o homem branco me dizia que nas proximidades morava seu cunhado, que nos receberia, certamente, com prazer. Aceitamos o convite e então ele nos guiou por um pedaço bem longo, sobre um grande pasto que pertencia a uma serraria, até que chegamos a uma pequena casa de madeira, onde fomos recebidos amavelmente pelos seus moradores (um homem e uma mulher jovem).

A mulher preparou um bom café e mais tarde nos acomodou em boas camas. Na manhã seguinte, quando tomamos café, procuramos pagar nossa hospedagem, mas recusaram tudo firmemente. Pois os brasileiros se destacam por uma hospitalidade verdadeiramente paternal. Presenteamos as crianças com alguma coisa, agradecemos e fomos em direção ao rio.

Continuamos a viagem por água e chegamos por volta de 11 horas na praça da Colônia Brusque. Na margem, já nos esperava o diretor, o qual ainda na noite anterior havia chegado em sua canoa, nos recebeu outra vez muito amavelmente. Ele guiou-nos até uma venda onde saboreamos ótimo almoço e tomamos bom vinho.

Mais tarde fomos informados de que o governo ajuda, com determinada soma cada mes, todo colono que chega, segundo o número de pessoas de sua família e que nós receberíamos a quantia de 60 mil réis, durante 6 meses. Esta é a quantia mais elevada que realmente é dada como subsídio.

A comunidade surpreendeu-nos, naturalmente, de forma muito agradável. A seguir foi-nos indicada a Casa de Recepção da Colônia, que era uma cabana grande, mas ruim e condenada, de tronco de palmeira com telhado que é feito com

as folhas de uma espécie de palmeira bem pequena (esta espécie de telhado é a mais barata aqui nesta colônia e por isso também a mais abundante).

Aqui nos instalamos tão bem quanto possível, até que o pai chegasse, o que só aconteceu dois dias depois. O bote levou 3 dias de viagem e durante este tempo chueu quase sem parar, de modo que nosso pai chegou completamente molhado da triste viagem. Nossas coisas, por sorte, quase não se molharam.

No dia seguinte à chegada, meu pai recebeu uma encomenda de um armário para livros, do Barão von Schneeberg e desde então não lhe faltou trabalho, ainda mais que ele sempre teve mais encomendas para fazer do que podia antender.

Como a praça ainda é muito pequena (há só umas poucas casas), meu pai quer ficar por aqui apenas mais um tempo mas, preferivelmente, um dia irá para uma colônia de maior porte.

## CANÇÕES FOLCLÓRICAS ALEMÃS

A palavra folclore (em alemão Volkskunde ou Volksweise) significa, na sua origem etimológica, saber popular. Folclore vem a ser, pois, a manifestação espontânea da alma popular nas letras, na música e nas artes em geral, nascendo, em via de regra, ao ar livre da natureza, completamente anônimo.

Todos os povos têm suas canções típicas regionais ou nacionais. Por meio delas exprimem seus sentimentos e emoções mais profundas. São geralmente músicas simples, fáceis para aprender e cantar. Transmitem-se via oral, de geração em geração.

Os imigrantes alemães, ao deixarem o solo pátrio em busca de novas terras, levaram consigo, na bagagem de seu patrimônio cultural, também a música e as canções folclóricas de seu torrão natal. Aqui as preservaram e cultivaram. Era uma maneira de manter sua identidade. Nas festas populares, nas rodas de amigos, nos encontros familiares, ao som de uma bandinha ou do acordeão, evocavam-se os momentos mais significativos da vida. Cantava-se a saudade da juventude, o amor, a aventura, a caça, a natureza, a profissão, enfim, a alegria de viver.

O folclore musical germânico no Brasil conhece grande variedade e riqueza cultural. Se na mãe-pátria os grupos regionais viviam muitas vezes justapostos, aqui misturavam-se bávaros, tirolezes, pomeranos, renanos, badenses e outros. Cada qual contribuía com suas características culturais próprias. Estes elementos culturais, trazidos da terra de origem, foram enriquecidos com outros, uns de origem nativa, outros de procedência estrangeira, sobretudo italiana.

Ainda hoje estas canções são conhecidas e cantadas, quer na língua original ou então, traduzidas para a língua nacional. Não há quem não fique tomado de sublime enlevo, completamente embriagado pela delícia dos sons ao ouvir ou cantar essas canções. Nesse momento, deixamos de ser um indivíduo e, conjugado e impulsionado pelo poder mágico dos sons, transformamo-nos em nossos avós, em nossos maiores; passamos a ser uma revivescência de nós mesmos, em épocas há muito idas: somos o conjunto de nossos ancestrais.

Transcrevemos aqui algumas canções folclóricas alemãs. Não são as únicas de que temos conhecimento nem talvez as mais significativas.

NUN ADE, DU MEIN LIEB'HEIMATLAND

Nun ade, du mein lieb' Heimatland  
lieb' Heimatland, ade!

Es geht jetzt fort zum fernen Strand,  
lieb' Heimatland, ade!

Und so sing'ich denn mit frohem Mut,  
wie man singet wenn man wandern tut,  
lieb' Heimatland, ade!

Und so sing'ich denn mit frohem Mut,  
wie man singet wenn man wandern tut,  
lieb' Heimatland, ade!

IN MÜNCHEN STEHT EIN HOFBRÄUHAUS

In München steht ein Hofbräuhaus,  
eins, zwei, g'suffa

Da läuft so manches Fässlein aus,  
eins, zwei, g'suffa.

Da hat schon mancher brave Mann  
eins, zwei, g'suffa

gezeigt was er vertragen kann  
Schon früh am Morgen fing er an,

und spät am Abend kam er heraus  
So schön ist's im Hofbräuhaus.

DU KANNST NICHT TREU SEIN

Du kannst nicht treu sein,  
nein, nein, das kannst Du nicht,

wenn auch dein Mund mir wahre Liebe verspricht.

In deinem Herzen hast Du für viele Platz,

darum bist Du auch nicht für mich der richt'ge Schatz.

O DU LIEBER AUGUSTIN

O du lieber Augustin, Augustin, Augustin,

O du lieber Augustin, alles ist hin.

Geld ist weg. Mädels weg, alles weg, alles weg,

O du lieber Augustin, alles ist hin.

### LIECHTENSTEINER POLKA

Ja, das ist die Liechtensteiner Polka, mein Schatz!  
Polka, mein Schatz! Polka mein Schatz!  
Da bleibt doch kein Liechtensteiner auf seinem Platz!  
Auf seinem Platz, mein Schatz!  
Man kann beim Schieben, Schieben, Schieben,  
sich in beide Augen seh'n.  
Man muss sich lieben, lieben lieben,  
und die Liebe ist so schön!  
Oh, ja, so eine Liechtensteiner Polka, die hat's,  
die macht Rapatz, mein Schatz!  
Der alte Herr von Liechtenstein,  
Ja, ja, ja,  
Der konnte nicht alleine sein,  
Nein, nein, nein!  
Er schickte seine Boten aus,  
Ja, ja, ja!  
Schaut mir nach Musikanten aus  
und schickt sie mir ins Haus!

### WENN AM SONNTAGABEND DIE DORFMUSIK SPIELT

Wenn am Sonntagabend die Dorfmusik spielt,  
Hei-didel dei didel dum-dum!  
jedes kleine Mädel die Liebe verspürt,  
Hei-didel, dei-didel dum-dum!  
Und der lange Jochen schiebt immer durch den Saal,  
denn die Katharina will immer noch mal.

### SCHÖN IST DIE JUGEND

Ja,  
Sch'on ist die Jugend,  
Sie kommt nicht mehr.  
Schön ist die Jugend bei frohen Zeiten,  
Schön ist die Jugend, sie kommt nicht mehr.  
Bald wirst Du müde durch's Leben schreiten,  
um Dich wird's einsam sein, im Herzen leer.  
Drum sag ich's noch einmal,  
schön ist die Jugendzeit,  
Schön ist die Jugend,  
sie kommt nicht mehr.  
sie kommt, sie kommt nicht mehr,  
kehrt niemals wieder her,  
schön ist die Jugend,  
sie kommt nicht mehr.

Vergang'ne Zeiten kehr'n niemals wieder,  
was einst dein alles war,  
raubt dir der Tod.

Drum freut des Lebens euch,  
singt frohe Lieder  
solang'die Jugend im Herzen loht.

Drum sag ich's noch einmal

Schön ist die Jugendzeit,

schön ist die Jugend

sie kommt nicht mehr.

Sie kommt, sie kommt nicht mehr,

kehrt niemals wieder her,

schön ist die Jugend,

sie kommt nicht mehr.

#### GEBURTSTAG-LIED

Mit freudigem Herzen erscheinen wir hier,  
Fröhlich im Chor, fröhlich im Chor,  
Um unsere Wünsche zu bringen heut Dir,  
Singen wir im fröhlichen Chor.

Freude und Gesundheit und Glück immerdar;  
Sei Dir's gegeben auf recht viele Jahre  
Gott halte fern alles Unglück von Dir;  
Dies wünschen, ja wünschen wir.

Scheint auch die Sonne des Lebens oft trüb;  
versage nicht, versage nicht.  
Wenn auch der Glaube an Gott Dir verblüht,  
Denn Er verlasset Dich nicht.

#### ROSAMUNDE

Rosamunde, schenk mir dein Herz und dein Ja,  
Rosamunde, frag' doch nicht erst die Mama  
Rosamunde, glaub'mir, auch ich bin dir treu,  
denn zur Stunde , Rosamunde  
ist mein Herz grad noch frei.

#### TIROLER HOLZACKERBUAM

Wir sind die lust'gen Holzackerbuam,  
Hala, holdrio, hala holdrio!  
Wir fürchten kein Teufel, kein Henker, kein Sturm.  
Hala holdrio, holdrio juchhe!

## SCHÜTZENLIESEL

Schützenliesel!

Dreimal hat's gekracht, bum, bum, bum,  
Schützenliesel!

Du hast mir das Glück gebracht.

Ja, Schützenliesel,  
dafür dank ich Dir.

Jetzt bin ich der Schützenkönig  
und du bleibst bei mir.

Immer wenn du dich jetzt küssen lässt,  
denk ich an das Schützenfest.

## TRINK MIR NOCH EIN TRÖPFCHEN

Trink mir noch ein Tröpfchen,  
trink mir noch ein Tröpfchen,  
aus dem kleinen Henkeltöpfchen.

Trink mir noch ein Tröpfchen,  
Trink mir noch ein Tröpfchen

aus dem kleinen Henkeltöpfchen.

Oh, Susanna, wie ist das Leben doch so schön,

Oh, Susanna, wie ist das Leben schön.

Oh, Susanna, wie ist das Leben doch so schön,

Oh, Susanna, wie ist das Leben schön.

## FREUT EUCH

Freut Euch des Lebens,  
weil noch das Lämpchen glüht

Pflücket die Rose  
eh sie verblüht,

Man schafft sogleich sich Sorg und Müh,  
sucht Sorgen auch

und findet sie  
und lässt das Veilchen unbemerkt

das dort am Wege blüht.

Freut Euch des Lebens,  
weil noch das Lämpchen glüht,

Pflücket die Rose,  
eh sie verblüht.

NACH HAUSE

Nach Hause, nach Hause,  
Nach Hause gehn wir nicht  
bis dass der Tag anbricht,  
nach Hause gehn wir nicht  
Nach Hause, nach Hause,  
Nach Hause gehn wir nicht,  
bis dass der Tag anbricht,  
nach Hause gehn wir nicht.

AUF WIEDERSEHN

Auf Wiedersehn, auf Wiedersehn,  
bleib nicht so lange fort,  
denn ohne Dich ists halb so schön,  
darauf hast Du mein Wort.  
Auf Wiedersehn, auf Wiedersehn,  
das eine glaube mir:  
Nachher wird es nochmal so schön,  
das Wiedersehn mit Dir.

TRINK, TRINK, BRÜDERLEIN

Trink, trink, Brüderlein trink,  
lass doch die Sorgen zu Haus,  
Trink, trink, Brüderlein trink,  
lass doch die Sorgen zu Haus  
Meide den Kummer und meide den Schmerz,  
dann ist das Leben ein Scherz.  
Meide den Kummer und trinke viel Bier,  
dann wird ein Sportsmann aus Dir.

## REMINISCÊNCIAS

Em 1907, o jornal "NOVIDADES", de Itajai, publicou em quatro números seguidos, interessante e mui importante relato prestado por ANTÔNIO DA COSTA FLORES, então com aproximadamente 80 anos de idade.

O relato oferece notícias da década de 1840, abrangendo as seguintes áreas: Desterro, Itajaí, Camboriu, Porto Belo, Gaspar, Belchior, Tijucas, Blumenau e Brusque, referindo-se aos primeiros moradores, tráfico de escravos, movimento de tropas do exército, comércio, famílias, lavoura, logradouros, bugres, folclore, engenhos de serra, fazendas, pesca, profissões, autoridades, personagens, tipos populares, etc.

Considerando ter sido a publicação feita por um único jornal, cujos exemplares hoje são raríssimos, achamos válida nova publicação. Para facilitar a leitura, parecemos aconselhável transcrever os artigos na ortografia atual.

### I

Um dos últimos enforcamentos no Brasil - Sumaca Negra - Musa do Povo - A cidade de Desterro pelos anos de 1835 a 1844 - Tropas que passam para a guerra no sul - O temporal de março - A margem do rio no ponto onde hoje está nossa cidade, de 1840 a 1844 - A barra do Itajai e o respectivo pontal.

Sendo muito raros os escritos que nos dão notícia minuciosa do passado de nosso Estado, principalmente em relação a tempos e lugares em que a imprensa não existia ou era escassa, à medida que vão descendo ao túmulo os mais antigos habitantes da terra catarinense, vai-se extinguindo o melhor recurso de que poderíamos lançar mão - a tradição oral.

Para que não se perca uma informação fidedigna a respeito de considerável parte de nosso Estado, em época bastante remota, procuramos ouvir o Sr. Antônio da Costa Flores, octogenário dotado de excelente memória e um dos mais antigos moradores de Itajaí.

O Sr. Antônio nos recebeu com a mais cativante lha neza, em sua modesta residência na estrada da Barra do Rio, e nos disse o que em fiel resumo passamos a dar.

Para melhor esclarecer e apoiar o que lhe vou responder, sempre que me parecer conveniente, mencionarei alguma coisa de minha vida e indicarei os nomes de pessoas a quem me referir, começou o Sr. Flores.

Nasci no Rio Grande do Sul, em Triunfo. Lembro-me de ter visto enforcar um homem, em Porto Alegre, por crime de assassinato. Quando eu contava cerca de 10 anos, meu pai, Antônio da Costa, que tinha como eu o apelido de Campo Grande porque nasceu em uma localidade desse nome, em Portugal, embarcou comigo no Rio Grande, com destino à cidade de Desterro, na sumaca "Vencedora", que era de propriedade do Major Anacleto José Ferreira da Silva, morador em Desterro e tinha como capitão um tal Agostinho, por alcunha Gaiola, o qual ainda tem parentes vivos nesta cidade, como seja o Sr. Saturnino Estêvão dos Anjos.

Na travessia apanhamos tão forte temporal, que a sumaca perdeu o mastro de proa e afundaria se não tivesse passado a vista de um navio grande, que a levou a reboque para o Rio de Janeiro.

Como tivemos a felicidade de encontrar lá, pronta para sair para o Desterro, a sumaca "Aurora", também pertencente ao Major Anacleto, nós passamos para ela e não fomos a terra, de modo que, no Rio de Janeiro, só me lembro de ter visto muitos navios perto um dos outros, e amarrados a grossas argolas de grandes bóias.

A principal carga da "Aurora" consistia em grande quantidade de negros africanos, trazidos como escravos, e que eram guardados no porão, tendo uma tábua atravessada na altura dos peitos.

Os marinheiros não maltratavam os negros, apenas, por brincadeira tentavam ensinar-lhes os seguintes versos, que tempos depois ouvi cantar muitas vezes:

O diabo leve o branco

Meu senhor seja o primeiro;

Vai buscar filho de Deus

P'ra meter no cativoiro.

É certo que se temia que fosse descoberto que o navio tinha tal carga, e por isso se tomavam precauções. Se bem me recordo, falava-se na possibilidade de ataques de navios ingleses e depois me disseram que um deles tinha andado em procura da sumaca.

A viagem correu muito bem, terminando em 3 ou 4 dias. Pelo que pude observar, e me contaram, em Desterro, já eram esperados os escravos e estava tudo preparado para serem recebidos às ocultas.

Depois de desembarcados os escravos, à noite, em um lanchão, que, segundo me constou, se internou pelo rio Tijucas, chegaram a Desterro.

Em Desterro, um genro de meu pai, de nome Martinho José Calado, montou-lhe um bem sortido negócio de secos e molhados e louças, na rua do Comércio, em uma casa que, mais tarde, se tinha incendiado a alfândega, serviu de alfândega.

Passados uns 5 anos, durante os quais acabei de aprender a ler e fui caixeiro de meu pai, este, querendo liquidar o seu negócio, fez transportar a bordo de um lanchão grande, de propriedade de João Vicente Velho, que morava na Praia de Fora, os gêneros que lhe restavam e, embarcou comigo para vir vendê-los aqui em Itajaí.

- Que recordações tem do Desterro dessa época?

- Desterro possuía algumas casas de negócio importantes, bons prédios, sobretudo na Praça e Rua do Comércio, que era a mais digna de nota, bonitas chácaras com inúmeros cajueiros na Praia de Fora e em Mato Grosso, diversas igrejas; mas era ainda uma cidade bem pequena. Usavam-se jaquetas, calças de alcapão e gravatas muito largas.

Na Praça, em barraquinhas, perto da praia, mulheres de côr preta frigiavam peixe, cozinhavam mocotó, e faziam muitas comidas para vender. Via-se uma imensidade de pretos no ganho. O transporte de cargas pelas ruas não era feito por carroças e sim por eles. Quando o volume era grande e muito pesado, o pegavam tantos quantos eram julgados necessários e lá o iam carregando, a cantar, de modo tão arrancado dos peitos e tão monótono que parecia estarem a gemer.

Vários navios entretinham as comunicações com o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, de onde já vinha bastante charque; mas não raro só se encontravam no porto algumas embarcações pequenas.

De quando em quando, chegavam do Rio de Janeiro navios trazendo forças do exército, que seguiam a tomar parte em uma guerra que se estava travando, creio que no Rio Grande do Sul.

Ocasionalmente houve em que a soldadesca era tanta que quase enchia a Praça. Por vezes, grupos de soldados andavam pelas ruas, à noite, fazendo distúrbios e vociferando contra os portugueses, a quem tratavam de "marotos", obrigando-os a abrir suas casas de negócio à força de baterem nas respectivas portas. Uma noite, tendo meu pai, nessas condições, aberto sua casa de negócio e estando a atender a alguns desses turbulentos, deram-lhe, a traição, uma espaldadeira na cabeça.

Faziam mais ou menos 2 a 3 anos que estávamos em Desterro, quando houve o temporal de março, de que muito se falou e, durante o qual, para os lados de Cacupê, foi abaixo uma casa, morrendo soterrados todos os seus moradores, exceto um, que estando ausente, quis voltar a ela, mas a violência do próprio temporal o impediu.

- Em que data chegou com seu pai ao Itajai?

- Foi em dezembro. Não posso dizer com precisão o ano, mas com toda certeza, foi entre 1840 e 1844. Encontrei já aqui o falecido coronel José Henrique Flores, já contando alguns anos de residência no Pocinho (1). Também não sei ao certo em que ano nasci. Meu pai me disse que a 20 de janeiro do ano seguinte ao da nossa chegada aqui, eu ia completar 15 anos. Realmente eu então parecia ter essa idade. Pelas minhas contas, tenho pelo menos 78 anos.

Antes de irmos para aqui, em Desterro, cessado a passagem de tropas para a guerra no sul, mas foi depois de termos vindo que se fez a paz. Ainda pude observar em Itajai vestígios produzidos pelo temporal de março. No morro próximo ao local em que está construído o edifício da Sociedade dos Atiradores, correu, em dois lugares, uma porção de terra, sendo derrubadas muitas árvores e produzindo-se dois largos e profundos sulcos, que ainda hoje se podem reconhecer. No canto da praia de Camboriu, perto da casa do cirurgião Claudino Pacheco, também se deu considerável desmoronamento. Tais vestígios revelavam que não fazia muito tempo que tinha havido o temporal.

Nos tres primeiros meses, poucas ocasiões tive de ver o lugar, porque raramente saía da casa do ferreiro português Antônio Teixeira Canela, casa coberta de palha e que era situada perto do local em que reside o Sr. Manoel Gonçalves Pereira. Fora aí que meu pai colocara os gêneros que trouxera e me encarregara de vender.

Findo esse tempo, voltando meu pai para o Desterro e ficando eu a aprender o ofício de ferreiro com José Machado Vieira,, mestre de ferreiro que, tendo vindo daquela cidade prestar seus serviços na construção de um navio com um tal Capitão Machado, montou ferraria, logo que concluiu essa construção, no local em que hoje tem a casa de residência a exma.sra. Amélia Müller dos Reis, tornei-me em breve bastante conhecedor de Itajai.

Na praia viam-se diversos ranchos de palha, onde se abrigavam as canoas. Tinha-se tomado a precaução de as prender por meio de correntes, porque, várias vezes, sucedeu que soldados desertores, vindo do Desterro, para passarem o rio, à noite a desamarravam, deixando-as depois em abandono.

As únicas embarcações que havia, eram um pequeno palhabote, de nome, se não me engano, Sete de Abril, e que pertencia então ao Major e depois Coronel Agostinho Alves Ramos e fazia viagens para o Desterro, e grande número de canoas, de variados tamanhos, destinados à pesca e viagens nos rios Itajaí Açu e Itajaí Mirim e mesmo a pesca do mar.

Existia apenas um trapiche, que era pequeno, servia para atracação do palhabote e estava situado nas imediações do lugar em que a casa Asseburg & Cia. hoje tem o seu armazém mais próximo da praia.

Consideravelmente cresceram os terrenos na margem do rio, desde o ponto em que tem a casa de negócio o Sr. Carlos Seara Junior até ao que reside o Sr. João Pinto de Amaral.

A barra e pontal eram mais ou menos como hoje. Sempre residindo em Itajaí, durante quase 70 anos, tenho observado que o pontal diminui ou cresce conforme há ou não enchente e correnteza do rio. Deu-se uma grande enchente entre os anos de 1853 a 1855, mas foi em consequência do que houve em 21 de setembro de 1880 que ele sofreu maior diminuição, o mar veio bater na praia da cidade e os navios passavam até bem perto do ponto em que sempre há mato alto.

Devo, porém, deixar consignado, não só que os últimos anos foi que o pontal conservou maior comprimento mais tempo, por terem sido as enchentes mais fracas e menos frequentes, como também que, desde que conheço o Itajaí, foi no ano passado que se sentiu maior falta de chuvas.

1) Ana Maria da Conceição, portuguesa, viúva, moradora em Canasvieiras, veio de lá com duas filhas e um filho de nome Victorino Gonçalves da Silva, refugiar-se no lugar que hoje se chama Cordeiros, em um terreno que lhe deu o governo, no tempo em que muita gente se mudou com receio dos castelhanos, que se apossaram do Desterro. João Gonçalves da Silva, que era filho desse Victorino, nasceu aqui em 1801, sentou praça, recrutado, em 1819, foi soldado (tendo estado em diversas das ex-Províncias do Brasil, tomando na Bahia parte na guerra do Madeira) até 25 de junho de



tinham as paredes externas de taipa, isto é, de pau a pique, amarrado com ripa, barreadas, sendo que só tres ou quatro eram rebocadas e caiadas.

Não havia nenhuma casa com paredes externas de táboas. Passaram-se anos antes que existissem engenhos de serrar, tanto que alguns dos primeiros alemães que apareceram, entre os quais Pedro Müller, pai do glorioso itajaiense Dr. Lauro Müller, se ocupavam em serrar madeira a mão.

Pedro Müller era ainda solteiro; andava trabalhando em madeira com dois ou tres companheiros; depois de estar ausente algum tempo, voltou casado, teve negócio na casa onde nasceu Lauro Müller e hoje reside o Sr. Marcos Konder; e se foi tornando um dos homens mais conhecidos e importantes em Itajai.

Quem primeiro montou e ensinou a montar engenho de serrar madeira, em Itajaí, foi um francês, que veio de Tijuca, de nome José Bosfire.

Depois disto é que surgiu e mais tarde predominou, o sistema ainda hoje tão usado de fazer casa toda de madeira. Muitas casas, mesmo das maiores, eram cobertas de palha. O Major Agostinho tinha uma olaria ao sopé do último morro que fica à esquerda de quem vai pela estrada de Brusque e toma o caminho da atual casa do sr. Carlos Graf, pouco antes da grande ponte sobre o rio Conceição. Não sei se havia outras olarias além desta. O que é certo é que durante anos a telha fabricada aqui pouco prestava e quem queria boas telhas mandava buscar de Paranaguá. Custava porém muito caro para aqueles tempos: 60\$000 o milheiro.

Mais ou menos por onde correm as ruas Lauro Müller e Pedro Ferreira, ao lado do oeste, havia apenas 14 casas, sendo nesta 4 e naquela 10, próximas umas das outras, entre as quais a do Major Agostinho, que é agora de propriedade da viuva do sr. Henrique Schneider. Estas 14 casas estavam assim dispostas, não porque obedecessem a alinhamento, mas porque todas davam frente para o rio e acompanhavam a direção da praia, a distâncias pouco diferentes. No Itajai não havia então nenhuma rua, nem se falava em arruamento. Nas imediações do local em que presentemente se acha a Matriz, existiam uns alicerces de pouco mais de meio metro de altura, construídos por um pedreiro, escravo do Major Agostinho, de nome Simão, para a igreja, e uma meia-água muito pequena de taipa, sem reboco, coberta de telha, sem forma exterior de templo e conhecida por casinha de Nossa Senhora, porque agasalhava uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. O cemitério ficava no

sítio nos fundos desta casinha, e ia até perto da atual casa de negócio do sr. Pedro Bauer. As outras trinta e tantas casas estavam espalhadas pela planície, sem se adstringirem a outra regra a não ser imposta pela situação e dimensões do terreno dos donos e pela preferência de lugares mais enxutos ou menos baixos.

Pois entre estas casas, algumas das quais eram rodeadas de algodoeiros (fiava-se algodão e tecia-se um pano muito forte e muito apreciado que se chamava "riscado da terra"), viam-se extensos brejos, cuja vegetação alterosa e inextrincável, em certos pontos parecia nunca ter sido derrubada completamente; vários caminhos e trilhos tortuosos em inúmeras direções; meia dúzia de engenhos de fazer farinha de mandioca; grupos de cafezeiros, larajeiras e bananais; roças de mandioca, feijão e milho, mais que tudo, capoeiras de todas as alturas. As roças e mesmo muitos quintais não tinham cerca: preferia-se criar o gado vacum e cavalos a corda, ou longe das plantações às soltas.

Nos terrenos ao sul da povoação, já conhecidos com o nome de Fazenda, residia em uma boa casa caiada a respeitável proprietária, D. Felícia Alexandrina de Azevedo Leão Coutinho. Dizia-se que era viúva de um oficial antigo que governara Santa Catarina. O que é certo é que recebia soldo. Tinha uma filha de nome Carolina, casada com o Capitão Benigno Lopes Monção. Possuía muitos escravos. A fazenda tinha grande cafezal, muitas laranjeiras e outras árvores frutíferas, extensas roças, um engenho de fazer farinha de mandioca e um de moer cana e fabricar açúcar. Para os lados da Praia Brava creio que os moradores aí eram poucos e onde mais se plantavam algodoeiros e mais se fazia "riscado da terra".

Na Barra do Rio havia unicamente duas moradias, a de Francisco Rangel e a de Luiz Gago, assim conhecido por ter esse defeito no falar.

Na planície da margem fronteira do rio, que terminava no Pontal, se encontrava: a casa de residência coberta de telha e engenho de fazer farinha do velho José Coelho da Rocha, um dos mais antigos habitantes; algumas casinhas cobertas de palha; e perto do local em que agora tem moradia o lº prático Manoel Moreira Maia, um cemitério, no qual não se encontrava mais ninguém, mas onde, segundo constava, a princípio se sepultavam mesmo as pessoas que faleciam do lado de cá.

A praia de Itajaí e sobre tudo Gravatá e Mato Grosso, já tinham habitantes. Na Armação, além do cirurgião Luiz Rodrigues Pereira, seus agregados e escravos, poucos eram os moradores.

Tinham-se deixado de pescar baleias, porque, sendo poucas as que apareciam, não valia mais a pena cuidar disso.

O lugar era muito bonito. Do morrete em que já existiam a igreja de São João e a vasta casa de residência do cirurgião Luiz, desfrutava-se esplêndida vista para os terrenos adjacentes, bem cuidados e para o mar. Constava que esta igreja era uma das mais antigas de Santa Catarina e que nela é que os moradores daqui iam se casar e batizar os seus filhos. Isto parece confirmar a versão de que, em nosso município, o primeiro lugar que recebeu habitantes foi Armação, principalmente atendendo-se a que foi o Governo que a estabeleceu.

A Penha já possuía igreja tão boa, que, me parece, é ainda a atual, e as casas eram em pequeno número, mas em geral tinham melhor aspecto do que as daqui. Lá existiam diversas famílias bem arranjadas, entre as quais as de uns Caetanos e outras.

Voltemos, porém, para mais perto de Itajai.

Nas margens do rio Itajai-Mirim, em Canhanduva, em Itoupava e até uns 10 quilômetros de distância do Itajaí, nessa direção, se deparavam diversos moradores, alguns bastante antigos ou de importância, entre os quais, em Canhanduba, Francisco Antônio de Borba, depois Coronel e o Alferes Correia, que residia em uma casa bem construída com pedras, e na qual mais tarde morou o falecido pai do advogado Antonio Belle Cruz, que atualmente habita em São José.

As margens do Itajai Açu se estavam povoando até a distância de uns 46 quilômetros daqui, sendo o último morador nessa direção um tal Almeida, que veio do Rio Grande do Sul, por causa da guerra que lá se dera e se refugiou na margem esquerda do rio, um pouco mais acima da ilha próxima ao Belchior.

Muito poucas eram as casas no Gaspar.

Habitantes mais conhecidos de que me recorde: no Pocinho, Capitão Henrique Flores, como já tive ocasião de dizer; na barra do Luiz Alves, o Alferes João Azeredo Leão Coutinho, irmão de D<sup>ca</sup> Felícia, proprietária da Fazenda; no lugar hoje chamado Mafras, João da Silva Mafra, pai do atual octogenário José da Silva Mafra; no Saco Grande, João Cardoso dos Santos, por alcunha João Sacavém, porque nasceu num lugar com este nome, em Portugal; Manoel da Quina, "Capitão do Mato", que andava sempre acompanhado de uma ou duas pessoas e armado de espada, pistola, chicote com cabo feito de

um pedaço de cano de espingarda e tinha o encargo de dar caça aos criminosos, escravos fugidos, soldados desertores, para o que era pago pelo governo.

O caminho que marginava o litoral, do Estreito a São Francisco, era regularmente frequentado e povoado, passando em Itajaí pelos mesmos pontos em que passava antes da recente construção da estrada ligando esta cidade a Camboriu.

Nos vastíssimos terrenos que hoje abrangem os municípios de Brusque e Nova Trento e o de Blumenau, do Belchior para cima, tudo era mata virgem: não havia nenhum habitante a não ser os selvagens.

Quem primeiro morou no ponto em que está a sede de Brusque foi Vicente Ferreira de Mello, por apelido "Vicente Sô": andando a caçar, achou o lugar muito bonito e fez um rancho no alto do morro em que se vê a igreja católica, mas não podendo continuar a viver lá, veio com a família aqui para a Coloninha, onde terminou os seus dias.

O povoamento do nosso território não se estendia mais de 6 a 10 quilômetros da praia do mar ou das margens dos rios, pelos motivos seguintes: a população era muito pouco numerosa; encontrava nos exíguos terrenos que explorava, satisfação às suas modestas ambições; não dispunha de vias de comunicação terrestre, bastando dizer que quase não havia outro caminho regular, além do que marginava o litoral; coisa alguma atraía para o sertão, longe da costa; e - o motivo principal - temia o ataque dos bugres.

(continua no próximo número)

O Director da Colonia  
Barão de Schneeberg

Directoria da Colonia Itajahy Brusque

Desterro, 4 de Junho de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

Pelos 77 Colonos novos, que chegarão em 22 de Maio à Sede da Colônia, careço com a maior brevidade os seguintes ferramentos agrícolas concedidos pelo Contracto do Imperial Governo; pelo menos provisoriamente de:

24 Machados )

24 Enchadas )

24 Foices )

para distribuir

e peço respeitosamente a Vª Exª Se sirva mandar comprar e remetter pelo Agente da Colonização desta Província, com a maior brevidade possível a essa Colonia.

Deos Guarde a Vª Exª .

Illmo. e Exmo. Snr. Francisco José d'Oliveira  
Dmo. 1º Vice Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia

Barão de Schnéeburg

Directoria da Colonia Itajahy-Brusque.  
Desterro, em 28 de Junho de 1865.

Illmo. e Exmo. Snr.

Acuso o recebimento do Offício de V<sup>ª</sup>Ex<sup>ª</sup>, de 22 do corrente mez, em que me avisa ter attendido as minhas reclamações relativas a subsidios pelo exercicio, que ainda vigora, assim como que a Thesouraria não podia abonar neste momento a consignação do orçamento relativa ao primeiro trimestre do proximo futuro exercicio, em consequencia de não ter ainda aberta a caixa d'elle, e que só no commeco do referido trimestre eu poderia receber por mim ou meu procurador o pagamento da correspondente quantia.

Por que apenas faltão 3 dias para terminar o corrente exercicio, tomo a liberdade de consultar a V<sup>ª</sup> Ex<sup>ª</sup> se houver por bem de mandar pagar-me no 1<sup>o</sup> ou 3<sup>o</sup> dia de Julho essa importância, por que nesse caso remetterei já por pessoa segura, que parte hoje de tarde para a Colonia a quantia de - R\$ 2:023\$370 reis que recebi da Thesouraria como parte das reclamações, que apresentei a V<sup>ª</sup> Ex<sup>ª</sup> para o exercicio corrente, afim de que se fação na Colonia os pagamentos devidos, e me demorarei aqui mais esses poucos dias para produzir a consignação trimestral de Julho a Setembro do novo orçamento, com o que, além de evitar demoras azas inconvenientes, faria uma economia aos cofres do Estado de mais de R\$ 60\$000, que teria de pagar e reclamar (por que não existe verba para isso) a restituição ao Cofre da Colonia, pelas commisões em Itajahy e transportes por mar e terra dos 5:553\$ e tantos reis do trimestre, quando, aliás ficaria habilitado para immediatamente que eu chegar à Colônia dar impulso a todos os trabalhos.

Deos Guarde a V<sup>ª</sup> Ex<sup>ª</sup>

Illmo. e Exmo. Snr. Francisco José de Oliveira  
Dmo. 1<sup>o</sup> Vice Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia  
Barão de Schnéeburg

Directoria da Colonia Itajahy Brusque  
Desterro em 19 de Julho de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

Acuso a recepção do Officio de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> de 28 de Junho próximo passado, avisando me de que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> foi servido determinar à Thesouraria o pagamento de R\$ 5:555\$000 para as despesas da Colonia Itajahy Brusque no trimestre de Julho à Setembro do novo anno financeiro. Os muitos afazeres da Thesouraria fazem que sô me pagará no dia 3 ou 4 de julho. Aproveito esta demora para pedir à V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> a retificação de um engano meu em consequência de eu tomar uma quarta parte de R\$ 22:222\$000 em vez de R\$ 22:332\$000, que é a somma do orçamento para o exercício de 1865 a 1866, e deste engano me resultou que eu pedi a V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> a consignação de 3:555 e tantos reis em lugar de R\$ 5:583\$000, que é a quantia exacta, relativa ao 1<sup>o</sup> trimestre do novo Exercício. Para evitar dificuldades e delongas, tomo a liberdade de pedir a V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> que se sirva mandar rectificar este engano meu, pedindo a V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> - perdão d'esta falta involuntária, filha de eu não ter recebido o orçamento officialmente, do qual tinha tomado somente uma nota apressada.

Deos Guarde a V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>.

Illmo. e Exmo. Snr. Francisco José Oliveira  
Dmo. 1<sup>o</sup> Vice Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia  
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Itajahy Brusque  
Desterro em 3 de Julho de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

Sobre o requerimento, que junto devolvo, do petici  
onário Miguel Rudolf, que sollicita um lote de terras nesta  
Colonia, tenho a honra de informar:

Que o Suppte. é maior de 18 annos, solteiro, veio  
a Colonia Itajahy-Brusque commo filho de familia com seus  
paes, e recebeo como tal e na familia os subsidios marcados  
pelo Governo. Terminados os subsidios, ligou-se com o não  
Colono Henrique Boos para negociar com gados. É de supor que  
requer terras para fazer pasto.

É o que tenho de informar a Vª Exª de quem aguardo  
a determinação a respeito.

Deos Guarde a Vª Exª

Illmo. e Exmo. Snr. Francisco José de Oliveira  
Dmo. Primeiro Vice Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia  
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Itajahy-Brusque  
Desterro em 3 de Julho de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

Ao requerimento, que junto devolvo, de Henrique --  
Boos, que requer um lote de terras na Colonia Itajahy-Brus--  
que, com as vantagens concedidas aos Colonos recém chegados,  
tenho a honra de informar a Vª Exª:

Que não tenho maior conhecimento do Suppte. e das  
informações que colhi pessoalmente d'elle mesmo (o que por  
isso não posso afiançar) resulta: que elle é solteiro, de 23  
anos mais ou menos, e chegou ao Brasil em 1860 como Colono  
com destino para a Colonia - Blumenau; e por elle ter pago a  
sua passagem da Europa ao Brasil em Estringen no Grão Ducado  
de Baden ao Sr. Eisinger, agente ali da colonisação foi pri-  
meiro á Colonia Dª Francisca, aonde se empregou no officio  
de remador de lanchas e outros semelhantes trabalhos. Passou-  
se para a Colonia Blumenau, e ali fora serrador no serviço  
particular do Colono Safser; mudou-se para Tijucas Grandes ,  
aonde se demorou 2 annos, ocupando-se como serrador, falque-  
jador e trabalhador de roça a jornal de particulares, - de  
Tijucas passou-se, ha pouco, para a Colonia Itajahy-Brusque,  
aonde se empregou a fazer açucar e aguardente nos respecti-  
vos engenhos ahi existentes, e ultimamente tem negocio de ga-  
do, para que fim se associara com o Colono Miguel Rudolf ,  
sobre o requerimento do qual informei também nesta data. Sup-  
ponho que pede terras na Colonia Brusque (aonde se agradau e  
diz pretender casar-se) para das terras fazer pastos para ne-  
gocio do gado; elle tem alguns bens (como diz) que pretende  
empregar neste negocio. É pois saliente, que o Suppte. nem o  
seu associado Miguel Rudolf intencionão estabelecer-se como  
agricultores; só se quizessem occupar na criação do gado se-  
ria em excellente motor de prosperidade, mas somente negoci-  
ar o gado, é bom, mas não é mais se não especulação reserva-  
da, se bem que reconheço ser uma parte integrante á prosperi-  
dade. Diz me o Suppte. nunca ter recebido subsidios abonados  
nem terras de Governo, e que por isto peticiona ambos os be-  
neficios.

Pelo exposto julgo que (principalmente na escaceza  
da verba Subsidios para os agricultores) e pelas determina-  
ções expressas do Imperial Governo, o Suppte. está de modo  
nenhum nas circunstancias de receber o abono de Subsidios -  
quanto as terras que requer, talvez Vª Exª por ser um motivo

sempre progressivo, lhe conceda-as em lugares abandonados de agricultores na Colonia, que toda via se proporcionão bem e muito bem, com algum trabalho para pastos. Vª Exª me ordenará como por bem houver.

Illmo. Exmo. Sr. Francisco José de Oliveira

Deos Guarde á Vª Exª  
Illmo. e Exmo. Sr. Francisco José de Oliveira  
Dmo. 1º Vice Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia  
Barão de Schneéburg

Illmo. Exmo. Sr. Francisco José de Oliveira  
D. Vice Presidente da P. de Santa Catharina

O Director da Colonia  
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Itajahy - Brusque

Desterro em 3 de Julho de 1865

Illmo. e Exmo..Snr.

Tenho esperanças de receber hoje da Thesouraria a consignação relativa do 1º trimestre do corrente exercício, para as despesas da Colonia Itajahy Brusque; e por isso peço a Vª Exª se sirva ordennar que sejam postos á minha disposição 2 ou 3 praças do Corpo policial e de Cavallaria para proteção e Segurança do transporte dos dinheiros do Governo, ficando ao meu arbítrio dispensar essas praças em Itajahy, ou aonde eu entender que poderei dispensar a sua companhia.

Deos Guarde a V.Excia.

Illmo.Exmo.Snr.Francisco José de Oliveira  
D.Vice Presidente da P.de Santa Catharina

O Director da Colonia  
Barão de Schnéeburg

Directoria da Colonia Itajahy Brusque aos 31 de Julho de 1865

Illmo. e Exmo. Senhor

Tenho a honra de enviar incluso a Vossa Escellen-  
cia a cópia d'um Officio que em data de hoje, dirigi ao  
Subdelegado da Policia da Villa e Termo d'Itajahy.

Deos Guarde a Vossa Excellencia.

O Director da Colonia Itajahy-Brusque  
Barão de Schneeburg

Directoria da Colonia Itajahy-Brusque, aos 31 de Julho de 1865

Illmo. Snr. Subdelegado da Policia da Villa e Termo d'Itajahy.

Hoje fiquei avisado por José da Silva Brasileiro, administrador do engenho de serrar de Germano Thieme, situado nos proximos arrabaldes da Colonia, que apparecerão naquelle engenho dous homens desconhecidos, achando-se elles em estado gravemente enfermo com bexigas e sarampos.

É de supor que são desertores. - O mencionado José da Silva os recolheu e os trata até hoje por piedade com seus estados de doença, e declara que receia que não escapará.

Participo isto a V<sup>a</sup>.S<sup>a</sup>. rogando que mande indagar e proceder á respeito como melhor lhe parecer, e de me dizer como eu hei de proceder, por enquanto não tendo praça nenhuma, nem hospital á disposição.

Tenho ainda de levar ao conhecimento de V<sup>a</sup> S<sup>a</sup> que consta por participações de varios Colonos que andão mais outros individuos desconhecidos e suspeitos nos caminhos do interior da Colonia e outros agressos á mesma, inquietando o isolado passante com pedidos de fogo e perguntas se levão consigo dinheiro, etc., e por isto os Colonos fogem desconfiados e não ousam passar a sós pelas estradas que considerão tomadas por estas pessoas suspeitas de más intenções.

O acima referido participo em data de hoje á Exma. Presidencia.

Deos Guarde á V<sup>a</sup> S<sup>a</sup>

O Diretor da Colonia Itajahy Brusque

Está conforme.

O Barão de Schneéburg

Número 32 — Ano VIII — Tiragem de  
— 500 exemplares —

PATROCÍNIO:

A. WEHMUTH  
Representações Ltda.

e

VIDRAÇARIA CRISTAL